Fecomércio RN

Newsletters Fecomércio-RN 05/11/2020 09:02

Tribuna do Norte | Rio Grande do Norte

FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio /

Produtos mais procurados na quarentena têm alta 4 vezes maior do que a inflação 4

Noticias - 04/11/2020

Agora RN - Natal | Rio Grande do Norte

FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio /

Faturamento do setor de Turismo cresce 28% em setembro, aponta pesquisa 6

Noticias - 04/11/2020

Versátil News | Rio Grande do Norte

FECOMÉRCIO-RN - FECOMÉRCIO RN, FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio /

Fecomércio: CNC: faturamento do Turismo chega a R$ 12,8 bilhões em setembro e setor dá sinais de recuperação 7

Noticias - 04/11/2020

Produtos mais procurados na quarentena têm alta 4 vezes maior do que a inflação

O confinamento imposto pela pandemia mudou os hábitos de consumo dos brasileiros que se viram do dia para noite trancados em casa tendo de cozinhar, trabalhar, estudar, tudo no mesmo lugar. E o comportamento de compras desse "novo normal" se refletiu nos movimentos de preços, também turbinados pela disparada do dólar.

Créditos: ABAD

Os dez subgrupos de produtos e serviços que registraram as maiores altas de preços nos últimos seis meses foram os mais demandados pelo consumidor. Juntos subiram em média 5,80% no varejo, resultado equivalente a quatro vezes a inflação geral do período, medida pelo Índice de Preço ao Consumidor Amplo-15 (IPCA-15) do (IBGE), que foi de 1,35%.

Isso é o que revela um levantamento feito, a pedido do Estadão, pelo economista-chefe da **Confederação Nacional do Comércio** de Bens, Serviços e Turismo, Fabio Bentes. A intenção do estudo, que cruzou informações de vendas do varejo do IBGE com as variações de preços medidas pelo IPCA-15, foi avaliar onde estão as maiores e as menores pressões inflacionárias na pandemia.

"A mudança repentina de hábito dos consumidores provocou um choque de preços relativos no IPCA-15 (a prévia da inflação oficial)", diz Bentes. Isso significa que houve produtos que registraram aumento abrupto de demanda e as empresas não tiveram tempo para ajustar a oferta. O resultado foi a alta de preços. O outro lado da moeda é que, com a mobilidade reduzida, o consumo de produtos e serviços relacionados caiu e os preços também. O recuo dos dez subgrupos com as maiores quedas foi de 3,42%.

Casa

O levantamento mostra que o subgrupo que reúne TV, aparelhos de som e itens de informática foi o que teve a maior alta de preços. Entre maio e outubro, eles foram majorados em quase 18%. Bentes optou por fazer a análise a partir de maio porque logo no início da pandemia as empresas tinham estoque e o impacto da maior procura nos preços não seria tão evidente.

O segundo subgrupo com a maior alta de preço também está relacionado com a moradia, foi de eletrodomésticos e equipamentos (8,88%), seguido por joias e bijuterias (7,2%). Móveis e eletrodomésticos foi o segmento cuja venda disparou com a pandemia e, na sequência, material de construção.

Fernanda Pacheco sentiu no bolso a inflação dos eletrônicos. Logo no início da pandemia, ela, que é editora de séries, teve de montar uma ilha de edição em casa. Em equipamentos e móveis gastou cerca de R$ 15 mil. Recentemente teve de comprar mais um HD (memória extra) e se surpreendeu. O produto, que tinha comprado por R$ 430, custava R$ 570. "O preço subiu bastante (32 5%)."

José Jorge do Nascimento, presidente da Eletros, que reúne fabricantes de eletroeletrônicos, admite que o setor reajustou em até 10% os preços nos últimos três meses por causa da alta dos insumos importados, impactados pelo dólar, e dos nacionais, principalmente plástico e aço. "Por mais que se faça esforço para entregar produto acessível, inevitavelmente a gente acaba tendo de colocar no preço final."

Esses aumentos de preços não espantaram o consumidor, que foi às compras. "As vendas estão surpreendendo", diz o supervisor-geral da Lojas Cem, José Domingos Alves. Desde que as 285 lojas especializadas em móveis e eletrodomésticos foram reabertas, as vendas têm crescido 30% sobre 2019.

Estrago

A comida no domicílio foi o quarto subgrupo com maior alta de preços no período, com elevação de 6,62%, diz o estudo. Entre os dez itens com maiores reajustes, oito foram alimentos. O limão lidera a lista (129,7%), seguido pelo óleo de soja (54%), arroz (42,6%). Mas aparecem tijolo (28,7%) e vinho (25,5%).

Apesar de a alimentação não ser o subgrupo cujos preços mais subiram no período, essa é a cesta que provoca o maior estrago no orçamento das famílias e na inflação como um todo. "A sensação de mal estar causada pela inflação dos alimentos nos últimos meses é muito maior do que alta de preços da TV, som e artigos de informática", diz o economista. É que o consumo de comida não pode ser adiado, independentemente da falta de renda. E pesa mais no bolso dos mais pobres.

As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

Estadão Conteudo

Assuntos e Palavras-Chave: FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio

Faturamento do setor de Turismo cresce 28% em setembro, aponta pesquisa

Clique aqui para abrir a imagem

O turismo segue dando sinais positivos de retomada nos últimos meses. Dados de uma pesquisa realizada pela **Confederação Nacional do Comércio** de Bens, Serviços e Turismo (**CNC**), em parceria com a Cielo, mostram que o setor faturou R$ 12,8 bilhões em setembro, alta de 28% em relação a agosto.

Quando comparado a abril, pior mês para o segmento no ano de 2020, o número é três vezes maior do que o registrado no período (R$ 4,07 bilhões). Mais da metade do faturamento no mês vieram dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Para o ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio, o número é animador e mostra que as ações coordenadas pelo Pasta junto aos demais segmentos estão no caminho certo. 'Ficamos muito satisfeitos com essa retomada gradual, positiva e significativa de maneira gradual e responsável. Estamos mostrando, mais uma vez, que a importância do turismo para a recuperação econômica de nosso país. Continuaremos com o nosso trabalho, de colocar o turismo brasileiro de volta aos antigos patamares, gerando emprego e renda para toda a nossa população', disse.

Quando analisados por segmento, os empreendimentos da área de Hospedagem e Alimentação registraram o maior volume de vendas em setembro, totalizando R$ 8,533 bilhões. O destaque foi para os restaurantes que movimentaram R$ 6,63 bilhões. O transporte de passageiros também registrou parcela significativa no montante total. Em setembro, o setor faturou R$ 2,76 bilhões, representando 21% de tudo o que foi arrecadado em setembro.

O presidente da **CNC**, José Roberto Tadros, destacou que o aumentou no faturamento pode ser resultado de inúmeros fatores. 'A partir de maio, o faturamento do setor passou por um processo de recuperação mês a mês, devido a inúmeros fatores, como o maior número de pessoas nas ruas, o aumento da confiança dos consumidores, além das estratégias digitais adotadas pelas empresas', afirma Tadros.

Desde março, quando foi decretado estado de calamidade pública devido à pandemia do novo coronavírus, o Ministério do Turismo tem trabalhado em diversas ações para dar sobrevida ao setor. Entre elas, estão a criação da lei 14.046, que propõe regras de cancelamentos/remarcações para serviços turísticos e culturais; a MP 963, que liberou R$ 5 bilhões para o setor em linha de crédito e contribuiu para a formulação da MP 936, que manteve milhares de empregos no país.

Assuntos e Palavras-Chave: FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio

Fecomércio: CNC: faturamento do Turismo chega a R$ 12,8 bilhões em setembro e setor dá sinais de recuperação

Clique aqui para abrir a imagem

Autor: Comunicação

O Turismo, um dos segmentos mais impactados pela pandemia do novo coronavírus, começa a dar sinais de recuperação. Em setembro, o faturamento do setor cresceu 28%, em comparação com agosto, e atingiu R$ 12,8 bilhões - o melhor mês desde o início do surto de covid-19, em março. Os dados são do Índice Cielo de Vendas do Turismo da **CNC** (ICV-Tur-**CNC**), pesquisa da **Confederação Nacional do Comércio** de Bens, Serviços e Turismo (**CNC**), em parceria com a Cielo.

Segundo o indicador, as atividades turísticas viveram o seu pior momento em abril, quando atingiram o chamado 'fundo do poço', com faturamento de aproximadamente R$ 4,1 bilhões - o mais baixo da série histórica, iniciada em 2017 - e queda de 66,4%, no comparativo com março. O presidente da **CNC**, José Roberto Tadros, destaca que as medidas de combate à covid-19, como o fechamento de fronteiras e o isolamento social, afetaram fortemente os negócios considerados não essenciais, sobretudo relacionados ao Turismo. 'A partir de maio, o faturamento do setor passou por um processo de recuperação mês a mês, devido a inúmeros fatores, como o maior número de pessoas nas ruas, o aumento da confiança dos consumidores, além das estratégias digitais adotadas pelas empresas', afirma Tadros.

Os números de setembro, contudo, ainda estão distantes dos registrados no início do ano (R$ 20,4 bilhões, em janeiro; e R$ 17,8 bilhões, em fevereiro) e no mesmo mês de 2019 (R$ 19,9 bilhões). Antonio Everton, economista da **CNC** responsável pela pesquisa, ressalta que a diminuição das vendas em janeiro e fevereiro e, principalmente, a intensa queda em março e abril fizeram com que as taxas de evolução do faturamento do Turismo indicassem uma forte recuperação desde maio. 'Como o nível de comparação acabou ficando muito baixo, estas elasticidades mensais na casa de dois dígitos podem confundir a interpretação dos fatos econômicos', explica, reforçando que a crise provocada pela pandemia imprimiu perdas históricas ao setor.

Diretor da **CNC** responsável pelo Conselho Empresarial de Turismo e Hospitalidade (Cetur) da entidade, Alexandre Sampaio chama a atenção para o fato de que as empresas estão operando com um volume de vendas muito aquém das possibilidades de produção. 'Os danos causados aos negócios pela pandemia colocam o setor como o mais afetado e, ao que tudo indica, o que levará mais tempo para se recuperar', avalia Sampaio.

Hospedagem e alimentação se destacam

Entre os quatro principais grupos turísticos analisados pelo ICVTur-**CNC**, o de Hospedagem e Alimentação registrou o maior volume de vendas em setembro, com R$ 8,533 bilhões. O conjunto de atividades ligadas ao segmento respondeu por aproximadamente 66,7% do faturamento do Turismo no período. De acordo com

Antonio Everton, o elevado nível de vendas foi puxado pelas atividades de Restaurantes e Similares (R$ 6,637 bilhões) e Hotéis e Similares (R$ 1,516 bilhão). 'Isoladamente, o segmento de refeições fora de casa tem sido o maior entre as atividades turísticas pesquisadas', indica o economista da Confederação.

Preços no Turismo caem

O enfraquecimento da economia em 2020, potencializado pela crise provocada pelo surto de covid-19, fez com que os preços no Turismo caíssem 5,8%, de janeiro a agosto. Antonio Everton ressalta que a queda acentuada no volume de atividades turísticas contribuiu para diminuir a inflação dos serviços. 'A estagnação econômica neste período, sobretudo entre março e abril, fez com que os preços desabassem, produzindo deflação', conclui.

Assuntos e Palavras-Chave: FECOMÉRCIO-RN - FECOMÉRCIO RN, FECOMÉRCIO-RN - Confederação Nacional do Comércio